



HOLOS

ISSN: 1518-1634

holos@ifrn.edu.br

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Rio Grande do Norte
Brasil

ALKIMIN, G.D.

O PANORAMA DAS PUBLICAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO
DE JOVENS E ADULTOS NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS (2005-2014)

HOLOS, vol. 8, 2015, pp. 15-27

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Natal, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=481547291003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O PANORAMA DAS PUBLICAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS (2005-2014)

G. D. ALKIMIN

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP
gilberto_cdz@hotmail.com

Artigo submetido em julho/2015 e aceito em dezembro/2015

DOI: 10.15628/holos.2015.3253

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a inserção da Educação Ambiental (EA) na Educação de Jovens e Adultos (EJA) brasileira nos últimos dez anos (2005-2014) e realizar um panorama da mesma. Para tanto, a pesquisa do tipo estado da arte foi realizada selecionando-se oito revistas de acordo com sua classificação Qualis de periódicos da CAPES, os artigos selecionados, de acordo com o tema de interesse foram analisados e então procedeu-se a construção de um panorama da inserção da EA na EJA. Do total de trabalhos

encontrados nesse período apenas 1,42% falam sobre o assunto em questão, desses três envolvem a educação não-formal e seis a educação formal. O tipo de pesquisa predominante é a participativa e as atividades envolvem aulas teórico-práticas, dinâmicas e jogos. A percepção de meio ambiente dos envolvidos é naturalista. Pode-se dizer que a inserção da EA na EJA no Brasil é algo insipiente, porém necessária. É preciso uma pesquisa mais abrangente sobre o estado da arte e a real inserção da EA na EJA no país

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos; Educação Ambiental; Estado da Arte.

THE OVERVIEW OF PUBLICATIONS ON ENVIRONMENTAL EDUCATION IN THE EDUCATION OF YOUNG PEOPLE AND ADULTS IN THE LAST TEN YEARS (2005-2014).

ABSTRACT

This study aimed to analyze the inclusion of Environmental Education (EE) in Brazilian the Youth and Adult Education (YAE) in the last ten years (2005-2014) and perform an overview of it. Therefore, research the type state of the art was done by selecting eight magazines according to their Qualis classification of CAPES, the selected articles, according to the topic of interest were analyzed and the overview of EE in YAE was done. Of all articles found in this period only 1.42% speak

on the matter in question, these three involve non-formal education and six to formal education. The predominant type of research is participatory and activities involving theoretical and practical lessons, dynamics and games. The perception of the environment of those involved is naturalistic. It can be said that the insertion of EE in YEA in Brazil is something ignorant but necessary. It takes a more comprehensive research on the state of the art and the actual insertion of the EE in the YEA in the country.

KEYWORDS: Youth and Adult Education; Environmental Education; State of Art.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Educação Ambiental e a Educação de Jovens e Adultos

Desde as espécies ancestrais o homem sempre utilizou dos recursos naturais para sua sobrevivência, buscando na natureza, como as demais espécies animais, meios de abrigo e alimentação entre outras necessidades básicas. Consequentemente sempre causando impactos na natureza. Para ilustrar esses impactos existem vários exemplos na história mundial, os quais foram responsáveis pela exploração excessiva de algum recurso natural (SILVA e SILVA, 2009).

Um desses exemplos é a Revolução Industrial, movimento que aconteceu inicialmente entre os séculos XVIII e XIX e estende-se até hoje com o advento da internet, da engenharia genética e demais avanços tecnológicos, o mesmo modificou de forma intensa a relação do homem com a natureza tornando-a cada vez mais predatória (TOZONI-REIS, 2002).

Desse modo, na década de 1960 já era evidente uma crise ambiental mundial, que se agravou ao longo dos tempos, em função de uma série de desastres e desequilíbrios ambientais, que passou a constituir fator de preocupação dos Estados e da comunidade científica, levando-a a repensar novas estratégias para o trato desta problemática (PASSOS, 2009).

Nessa mesma década temos um marco que foi a publicação em 1962 do livro de Rachel Carson, *Silent Spring*, traduzido para o português como “Primavera Silenciosa”, livro este que já alertava sobre a gravidade da exploração de recursos e o desequilíbrio ambiental aliado a necessidade de legislações mais rígidas e protetivas do meio ambiente.

Na sequência, a década de 1970 pode ser considerada como uma referência quanto à origem das preocupações com as perdas da qualidade ambiental e 1972, um ano histórico para o movimento ambientalista mundial, isso porque as discussões que vinham acontecendo anteriormente sobre o tema culminaram na Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente Humano, mais conhecido como Conferência de Estocolmo, realizada neste ano (TOZONI-REIS, 2002).

Esta que é um marco histórico mundial, pois a partir dela ocorreu a inauguração de uma agenda ambiental e o surgimento do direito ambiental internacional, elevando a cultura política mundial de respeito à ecologia, e como o primeiro convite para a elaboração de um novo paradigma econômico e civilizatório para os países (DA CONFERÊNCIA, 2015), surgindo políticas de gerenciamento ambiental com vista à solução eficaz dos problemas ambientais enfrentados.

Além dos documentos e políticas criados nessa conferência, surgiram também propostas de ações para o enfrentamento da problemática e dentre elas temos a Educação Ambiental (EA), que surge nesse contexto de emergência de uma crise ambiental reconhecida nas décadas finais do século XX e foi ganhando espaço como fruto de uma demanda para que o ser humano adotasse uma visão de mundo e uma prática social capazes de minimizar os impactos ambientais então prevaletentes (LAYRARGUES e LIMA, 2011).

Como dito, a EA ganhou força após a Conferência de Estocolmo, porém anteriormente já se falava em práticas desse cunho, Stapp et al. em 1969 apresenta a EA como algo que tem por objetivo produzir uma sociedade que é conhecedora sobre o ambiente biofísico e os problemas a ele

associados, ciente de como ajudar a resolver esses problemas, e motivados a trabalhar para a sua solução.

Sendo essa uma das primeiras definições de EA a mesma abre caminho para novas ações e perspectivas que envolvam a conscientização ambiental da população, que até esse período não se atinha ao problema que era a crise ambiental iminente, aumentando então as chances de funcionar aquilo que posteriormente viria a ser acordado entre os Estados em Estocolmo para a proteção ambiental.

Assim, hoje em dia a EA tem maior destaque em suas práticas e é vista, não como uma simples prática, mas como um estudo do ambiente natural que deve promover mudanças de atitudes e comportamentos individuais e coletivos, além disso, é uma ferramenta fundamental para a sensibilização para uma maior responsabilidade para com as questões ambientais e conscientização da necessidade de estar envolvido em políticas públicas na área (EDUCAZIONE, 2010).

Quando se fala em políticas públicas, no Brasil existem documentos, leis e programas que tratam sobre a EA em termos específicos e sobre a sua implementação no ambiente escolar, dentre esses documentos podemos citar a Política Nacional de Educação Ambiental – PNEA (BRASIL, 1999), o Programa Nacional de Educação Ambiental – ProNEA (BRASIL, 2005) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (BRASIL, 2012).

Vale ressaltar ainda que esses documentos não tratam a EA como algo exclusivo do ambiente escolar, mas tratam a mesma de forma interdisciplinar destacando a necessidade de sua inserção em todos os ambientes, seja ele escolar ou não.

Para entendermos melhor o que esses documentos querem nos dizer, abaixo encontram-se as definições dada por cada um deles a respeito da EA:

Entende-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (BRASIL, 1999. p. 1).

A educação ambiental deve se pautar por uma abordagem sistêmica, capaz de integrar os múltiplos aspectos da problemática ambiental contemporânea. Essa abordagem deve reconhecer o conjunto das inter-relações e as múltiplas determinações dinâmicas entre os âmbitos naturais, culturais, históricos, sociais, econômicos e políticos (BRASIL, 2005. p. 34).

A educação ambiental é uma dimensão da educação, é atividade intencional da prática social, que deve imprimir ao desenvolvimento individual um caráter social em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos, visando potencializar essa atividade humana com a finalidade de torná-la plena de prática social e de ética ambiental (BRASIL, 2012. p. 2).

Nesse sentido, na medida do possível, a EA deveria ser analiticamente enquadrada na perspectiva de uma prática pedagógica destinada seja a manter ou alterar as relações sociais

historicamente construídas, mesmo que essa prática pedagógica não seja destinada exatamente ao convívio social, mas ao convívio humano com a natureza (LAYRARGUES, 2006).

Mas a constatação de que a EA compreendia um universo pedagógico multidimensional que girava em torno das relações estabelecidas entre o indivíduo, a sociedade, a educação e a natureza foi exigindo aprofundamentos que se desdobraram em sucessivas análises e aportes teóricos de crescente sofisticação, tornando essa prática educativa mais complexa do que se poderia imaginar (LAYRARGUES e LIMA, 2011).

Mesmo sendo essa prática educativa complexa, de acordo com a PNEA (BRASIL, 1999) a EA deve estar inserida no ambiente escolar de forma obrigatória, contínua e integrada, não em uma disciplina específica, mas de forma interdisciplinar e em todos os níveis de ensino, desde a educação básica (ensino infantil, fundamental e médio), ensino superior, especial, profissional até a educação de jovens e adultos (EJA), modalidade essa que para Sedu (2007) é definida como:

“(...) uma modalidade específica da educação básica que se propõe a atender um público ao qual foi negado o direito à educação, durante a infância e/ou adolescência, seja pela oferta irregular de vagas, seja pelas inadequações do sistema de ensino ou pelas condições socioeconômicas desfavoráveis (p.17).”

A EJA no Brasil começou com os Jesuítas na época do Brasil colônia, através da catequização das nações indígenas (HAMZE, 2009). Porém, mesmo com tanto tempo tendo passado a EJA ainda é vista por várias pessoas apenas como uma forma de alfabetizar quem não teve oportunidade de estudar no período indicado. Felizmente, o conceito vem mudando e, entre os grandes desafios desse tipo de ensino, agora se inclui também a preparação dos alunos para o mercado de trabalho - o que ganha destaque nestes tempos de crise econômica (SATO, 2012).

Além disso, para Ireland (2007) a EJA, como qualquer processo educativo, busca transmitir e gerar novos conhecimentos desenvolvendo uma atitude crítica e criativa frente ao conhecimento acumulado e frente à realidade socioeconômica, cultural e ambiental em que vivemos.

Neste sentido, trabalhar a dimensão ambiental na EJA é de grande relevância no sentido de proporcionar aos indivíduos uma formação que os levem a compreender a complexidade dos problemas socioambientais, buscando um posicionamento crítico diante da realidade e atuando como protagonistas no processo de construção de uma sociedade mais justa, sustentável e ecologicamente equilibrada (REZENDE, 2011).

2 OBJETIVOS

Analisar a inserção da Educação Ambiental na Educação de Jovens e Adultos brasileira nos últimos dez anos (2005-2014) e realizar um panorama da mesma.

3 A PESQUISA

A presente pesquisa denomina-se como “Estado da Arte”, por se tratar de um instrumento que busca a compreensão do conhecimento sobre determinado tema, em um período de tempo específico, e, conseqüentemente, sua sistematização e análise (TEIXEIRA, 2006).

Para realização de tal a mesma foi dividida em 4 etapas, descritas a seguir:

Etapa 1 – Escolha das revistas: as revistas foram selecionadas de acordo com a classificação Qualis na área de educação de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, fator esse que representa a relevância da revista em nível internacional (A1 e A2) e nacional (B1 e B2), selecionou-se duas revistas em cada extrato, sendo elas:

- ➔ Ciência & Educação (Bauru) – A1
- ➔ Revista Brasileira de Educação – A1
- ➔ Caderno CEDES – A2
- ➔ Educação em questão (online) – A2
- ➔ Ambiente e Sociedade (Campinas) – B1
- ➔ Educação (UFSM) – B1
- ➔ Revista eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental – B2
- ➔ Pesquisa em Educação Ambiental – B2

Etapa 2 – Escolha dos termos para realização da busca: afim de limitar o número de artigos na busca foram selecionados cinco termos (palavras-chave) que enquadrem o foco de nossa pesquisa, termo 1: educação ambiental ; termo 2: educação de jovens e adultos; termo 3: EJA; termo 4: educação de jovens e adultos AND educação ambiental e termo 5: EJA AND educação ambiental. Os cinco termos foram utilizados para fazer um levantamento dos artigos que envolvam esse tema e para fins da realização do estado da arte, a priori selecionou-se os artigos que se enquadrem nos termos 4 e 5 e no período proposto (2005-2014).

Etapa 3 – Leitura do resumo dos artigos selecionados: para refinar os artigos da pesquisa o resumo de todos artigos selecionados na etapa anterior foram lidos e então selecionados os que realmente tratavam da EA na EJA para efetiva leitura e análise.

Etapa 4 – Leitura dos artigos: todos os artigos foram lidos na íntegra e seus dados sistematizados.

Por fim, para melhor compreender o quadro da EA na EJA perguntas como: em qual categoria se encaixa o artigo (relato de caso, revisão bibliográfica, pesquisa de campo e outros)?, é destinado a qual nível de ensino, fundamental ou médio?, qual(is) atividade(s) foram propostas/desenvolvidas?, qual o tema abordado?, foram levantadas e respondidas. Possibilitando a realização de uma análise sobre a situação do tema em questão (inserção da EA na EJA) e a construção do panorama da mesma tendo como base as revistas e o período abordado.

4 O PANORAMA

Como descrito na metodologia um dos passos da pesquisa foi fazer um levantamento dos artigos em cada uma das revistas selecionados com os termos escolhidos e assim selecionarmos os artigos a serem analisados, o compilado de artigos presente em cada uma das revistas segue na Tabela 1.

Tabela 1: Compilado do número de artigos com os termos pesquisados em cada revista selecionada.

Revista/Termo	Termo 1	Termo 2	Termo 3	Termo 4	Termo 5	Selec.
Ciência e Educação (Bauru)	51	3	5	0	1	1
Brasileira de Educação	4	13	6	1	0	1
Cadernos CEDES	5	1	1	0	0	0
Educação em questão (online)	5	16	2	1	0	0
Ambiente e sociedade	11	0	0	0	0	0
Educação (UFSM)	5	13	9	0	0	0
REMEA	462	8	5	7	6	7
Pesq. em EA	168	15	4	15	4	0
Total	630	41	30	24	11	9

Fonte: o autor.

Em relação aos termos de interesse, 4 e 5, obteve-se um total de 35 artigos, porém, a pesquisa trás artigos repetidos e quando essas repetições são excluídas restam apenas 29 artigos dos quais, de acordo com o segundo critério da pesquisa (leitura do resumo), apenas 9 enquadram-se na real relação de EA e EJA. Na revista Educação em questão, apesar de um artigo estar presente no termo 4 após a leitura do seu resumo fica claro que o mesmo não trata da EA na EJA, por isso o mesmo não foi selecionado para participar da análise, o mesmo ocorre com os artigos da revista Pesquisa em EA.

Vale destacar que a pesquisa forneceu um total de 630 artigos com o termo 1(Educação Ambiental), os quais desses artigos e de acordo com o critério da pesquisa apenas 9 foram selecionados para serem analisados, perfazendo 1,42% do total de artigos que envolvam a EA e a EJA, sendo um indício inicial de que a EA é um assunto pouco tratado na EJA.

Em relação aos artigos selecionados, o primeiro a ser apresentado é o de Fischer (2009) o qual foi publicado na Revista Brasileira de Educação e tem como título “*Educação não-escolar de adultos e educação ambiental: um balanço da produção de conhecimentos*” artigo esse que faz a análise de dissertações e teses que relacionem a educação não-formal de jovens e adultos com a EA.

As dissertações e teses abordadas relacionam a educação no campo, como por exemplo, a EA de assentados e trabalhadores rurais, agricultores ou então no meio urbano de catadores de materiais recicláveis, além de abordarem a influência das políticas públicas na vida dessas pessoas.

Os trabalhos analisados pelo autor, baseiam-se em pesquisas qualitativas e participativas, como pesquisa-ação ou intervenção no ambiente estudado, assim o autor destaca que observa-se a ausência de literatura que tome a EJA com a necessária interface aos processos educativos com as populações investigadas (desde moradores em geral até agricultores, pescadores, ribeirinhos etc).

Por fim ele conclui que “os múltiplos componentes e desafios da combinação dos campos de EJA e EA são catapultas para agregar práticas educativas com desafios no campo teórico e epistemológico”.

O relato seguinte foi publicado na revista Ciência e Educação e pertence a Borges et al. (2010), “*A fotografia de natureza como instrumento para educação ambiental*”, o mesmo teve como objetivo analisar como a fotografia instrumentaliza a EA e pode contribuir para o aprendizado de

alunos do Ensino Fundamental e Médio e, por meio da metodologia aplicada, verificar se a fotografia promove e incentiva a EA com esses alunos.

Este então foi um trabalho que contou com a realização de atividades junto aos alunos da EJA em todos os níveis de ensino e teve como tema norteador “*A importância da natureza e o impacto causado pelo homem*”, foram realizadas palestras e dinâmicas com separação de grupos, o que as atividades eram regidas a imagens e o que não tinham imagens, tendo ao final um questionário como instrumento avaliador e as respostas comparadas entre os grupos.

A fotografia que é um instrumento barato e de fácil acesso, segundo os autores, foi uma metodologia eficiente para a aprendizagem dos alunos, bem como deveria ser mais utilizada, visto a escassez de trabalhos dessa forma.

Dando sequência, os próximos artigos apresentados pertencem a Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. O primeiro é o artigo de Nakayama et al. (2007), “*A biodança na educação de jovens e adultos: relatório de caso*”, como o próprio nome do artigo diz esse é um relato de caso, que envolve a educação não-formal de jovens e adultos, é um trabalho de dança com foco em dança e meio ambiente, ocorreu em dois encontros semanais no prédio de uma igreja e teve como participantes apenas mulheres. Para avaliação do trabalho desenvolvido os autores analisaram as falas das participantes ao longo do projeto.

Além das atividades de dança para provocarem o autoconhecimento, afetividade e sexualidade as aulas contavam com momentos de aprendizagem sobre higiene, questões ambientais e outros assuntos, no geral nos vinte minutos finais de cada aula ou em alguns casos a aula toda sobre um determinado tema.

A análise realizada pelos autores apontou para uma construção de conceitos de meio ambiente ancorada em aspectos relevantes das histórias pessoais das mulheres. No qual as representações sobre o contexto ambiental estão fundamentadas em conhecimentos empíricos e experiências locais.

Por fim, os exercícios de biodança produziram melhoria da qualidade de vida, auxiliaram no autoconhecimento fortalecendo a identidade, a integração, a autoestima e o bem estar das mulheres participantes, permitindo que as mesmas pudessem se expressar sem vergonha durante os encontros favorecendo assim a aprendizagem sobre os temas (teóricos) discutidos e dentre eles a questão ambiental.

O trabalho “*Horta vertical: um instrumento de educação ambiental na escola*” de Oliveira et. al. (2014), foi um projeto desenvolvido em parceria com a disciplina de ciências e contou com a participação de 94 alunos no total e 49 com mais de 60% de frequência no projeto, participando da avaliação (questionário inicial e final), este que foi desenvolvido através de atividades teórico-práticas.

A pesquisa foi desenvolvida em sete momentos, cada um contendo uma atividade, desde a aplicação do questionário, até a construção propriamente dita da horta vertical realizada pelos alunos e a divulgação da mesma no ambiente escolar, tudo pautado em questões ambientais com foco para a sustentabilidade.

Segundo os autores, o trabalho foi um gerador de discussões na escola, envolvendo os diversos alunos e os professores, assim, ao final do mesmo a ideia de novos projetos de EA surgiram

devido a eficiência deste. Porém, ainda assim ficou claro que a escola tem algumas dificuldades de se trabalhar a EA de forma simples no ambiente escolar.

“Adaptação e aplicação de métodos didáticos para E.J.A. no ensino de educação ambiental” é o artigo de Carniatto et. al. (2014), realizado com base na aplicação de diferentes práticas pedagógicas para 25 alunos da EJA com idade entre 16 e 50 anos em uma escola do Paraná abordando o tema *“Seres vivos e o ecossistema (ambiente)”*.

As atividades se deram com base em um jogo, duas dinâmicas e uma atividade prática e para avaliação foi aplicado um questionário ao término das atividades. Como local dessas atividades foram utilizadas as aulas de ciências por abordarem tal assunto em seu conteúdo.

De maneira geral, os alunos aparentaram não ter um conceito claro e bem definido sobre a EA, embora todos acreditassem em sua importância. A respeito das dinâmicas aplicadas, em sua maioria, os educandos concordaram que, por si só, não são suficientes para promover o aprendizado, mas tem apresentado resultados positivos como ferramenta de ensino.

As autoras finalizam dizendo que embora tenham sido proveitosas essas práticas aplicadas na turma de EJA para o ensino de EA, ainda poderiam ser desenvolvidas, testadas e até mesmo reelaboradas diversas outras dinâmicas específicas para esta modalidade de ensino, não só na disciplina de ciências, mas abrangendo também outras áreas da educação.

Marinho e Cerqueira (2011) em *“A educação ambiental num colégio público estadual no núcleo ferroviário, Salvador-BA”*, realizam uma pesquisa de abordagem qualitativa descritiva, onde o objetivo é sugerir a implantação de um plano de ação sobre EA, que contemple todos os cursos e turnos da escola em questão, esta que é localizada em uma região de Salvador onde existem problemas desde transporte público até saneamento ambiental e saúde.

Segundo informações do diretor, não existe registro de atividades programadas que contemplem a EA na escola, portanto a proposta de trabalho visou a implementação de um plano de ação com abrangência para toda a unidade escolar integrando atividades pedagógicas com foco em EA.

Para tanto, buscou-se a participação de todo corpo docente e discente, administrativo e pedagógico, para a realização desta tarefa educativa, a partir da percepção do ambiente escolar.

As autoras colocam como dificuldade para que o plano de ação por elas proposto futuramente seja implementado na escola o desafio de envolver, inicialmente, todas as pessoas que atuam no colégio, em seguida os pais e a comunidade em geral.

Nas observações por elas realizadas fica claro a necessidade de investir em ações, que contribuam para a mudança de hábitos e sensibilização dos indivíduos, para isso é importante planejar estratégias para torná-los conscientes e responsáveis, formando cidadãos capazes de exigir seus direitos e cumprir seus deveres, partindo dos professores utilizarem de diversas estratégias de ensinamento para que isso seja possível.

Conclui-se então que é necessário investimento em educação de qualidade para que os professores possam transmitir de forma adequada, consciente e dinâmica as informações sobre EA que os alunos precisam saber e que a elaboração de uma proposta de EA seja de fundamental importância para melhoria da qualidade de vida na escola e na comunidade.

O estudo de caso exposto a seguir foi escrito por Rocha e Oliveira (2014), *“Educação ambiental no programa ProJovem Urbano de Gravataí/RS: premissas para uma compreensão da educação de jovens e adultos no contexto escolar”*, a investigação foi realizada por meio de pesquisa bibliográfica sobre o assunto, aplicação prática de instrumentos avaliativos e observação in loco quanto ao ambiente escolar, tendo como foco os professores.

Assim, a pesquisa teve como objetivo compreender como é desenvolvido o tema transversal meio ambiente nessa modalidade de ensino e os resultados foram analisados pelo método da análise textual discursiva.

Com este estudo foi possível compreender que o tema transversal meio ambiente, abordado pela EA, está sendo aplicado no programa em questão, sem a existência de uma formação continuada dos educadores. Em vista disso, ocorre a ausência de um planejamento pedagógico adequado a um desenvolvimento crítico sobre esta temática na EJA.

Assim, após a análise dos dados as autoras consideram que se torna necessário um aprofundamento dos estudos dos professores sobre a temática da EA, especialmente, no que tange à sua inter-relação com a abordagem social, compreendendo que os temas ambientais devem estar relacionados aos valores sociais, políticos e econômicos.

O ensaio teórico *“Educação de jovens e adultos e qualificação profissional: uma articulação no contexto da EA”* (PEREIRA e ANELO, 2008), é um trabalho que aponta elementos fundantes de uma proposta de qualificação profissional de pescadores artesanais que habitam as margens de um estuário no Rio Grande do Sul a partir da vivência dos mesmos, ou seja, uma pesquisa participante.

O mesmo mostra a proposta de trabalho de uma prática que integre a EA e a EJA, de forma que atenda a necessidade dos pescadores, grupo de estudo em questão, e que os qualifique profissionalmente, sob o pano de fundo da EA, sua trajetória e aparato legal, fundamentando-se na política de educação de jovens e adultos, por um lado, e, por outro, na política nacional de qualificação profissional.

Assim, o curso é descrito como módulos de 45 a 60 horas e que trabalhe os mais diversos temas, como qualificar na área de construção e manutenção de embarcações.

As autoras concluem que essa necessidade se dá pela falta de escolarização dos pescadores, visto que é uma realidade local o abandono na escola em idade regular para acompanhar os pais na pesca, alegando que pra ser pescador não necessita de estudo, por outro lado os adultos querem que seus filhos estudem para fugir da vida de pescador.

O último artigo a ser exposto *“Representação social de meio ambiente para alunos de ciências e biologia: subsídio para atividades em educação ambiental”* (CUNHA e ZENI, 2007), teve como objetivo geral avaliar alguns aspectos importantes na percepção de meio ambiente pelos alunos de ciências e biologia de uma escola para jovens e adultos de Blumenau, que possui um método de ensino diferenciado, as disciplinas são oferecidas por módulos (3 meses) e ao final de cada módulo uma avaliação.

A pesquisa não teve a aplicação de atividades, apenas um questionário foi respondido por 75 alunos, para que as autoras fizessem o levantamento necessário a partir de perguntas pré-estruturadas e direcionadas à caracterização do perfil dos entrevistados – utilizando-se cinco

questões sobre a percepção do meio ambiente e levantamento dos meios de informações utilizados sobre as questões ambientais.

A maioria dos respondentes foi do sexo feminino, e a população amostrada com idade entre 17 e 54 anos, renda predominante de até 5 salários, católicos e moravam em 23 bairros de Blumenau e 4 cidades vizinhas.

Para a maioria dos alunos, meio ambiente é o ambiente em que se vive e os elementos naturais pertencem ao mesmo e quase 50% dos desenhos por eles confeccionados (atividade proposta no questionário) representavam o ambiente de maneira natural, mostrando um ambiente preservado onde nós seres humanos nos encontramos a parte, a TV é o meio de informação mais utilizado por eles e para os alunos (52%) o maior problema ambiental da cidade é a poluição dos rios.

As autoras percebem que existe um distanciamento entre as pessoas e o meio ambiente quanto ao conhecimento de sua inserção e ação sobre o mesmo, sendo assim é necessário conhecer a representação social do meio ambiente vigente em um grupo social e é importante para desenvolver atividades em EA que respeitem e trabalhem de forma efetiva estes conhecimentos que já existem e os que ainda estão por ser aprendidos.

Finalizam dizendo que não basta conhecimento biológico para perceber o meio ambiente integrado e do qual fazemos parte, mas conhecer as nossas limitações já é o início de uma nova história fundamentada em conhecimento através da representação de meio ambiente.

Os diferentes trabalhos aqui expostos foram realizados de norte (Salvador/BA) ao sul (Gravataí/RS) do Brasil, destaque para ausência de trabalhos na região norte, e apresentam diversos aspectos da inserção da EA na EJA.

Dos nove artigos explorados três deles são sobre educação não-formal, ou seja, aquela realizada em ambiente diferente do escolar, com abordagem em diferentes temas, análise de teses e dissertações em educação no campo, meio ambiente e dança e a vivência de pescadores e sua relação com o ambiente, bem como a atuação profissional dos mesmos, visto que a atividade pesqueira envolve totalmente o meio ambiente.

Dentre eles duas metodologias foram utilizadas, a pesquisa documental (revisão bibliográfica) e a pesquisa participante, aquele em que o pesquisador se insere no ambiente de pesquisa e participa da mesma de forma mais ativa, seja ela oferecendo as aulas e participando das danças como na vivência do dia-a-dia do pescador e um “bate-papo” com os mesmos. O artigo realizado com os pesquisadores ainda teve como meta final a proposição de um curso que além de capacita-los os eduque ambientalmente.

Os outros artigos (6) versam sobre a educação formal, realizados no ambiente escolar, cinco desses foram realizadas a partir da pesquisa participante, mostrando-se no âmbito desta pesquisa a metodologia mais utilizada em EA na EJA o outro artigo teve como metodologia a pesquisa qualitativa através da utilização de questionários. Aos envolvidos observou-se desde alunos até a direção/coordenação da escola, visto que os professores não foram esquecidos e uma bandeira para a capacitação dos mesmos foi levantada.

Os temas abordados foram os mais diferentes possíveis, como, a importância da natureza e o impacto causado pelo homem, sustentabilidade, meio ambiente e percepção ambiental e a

representação social e o ambiente. Dentre esses, um deles teve como foco os professores que atuam na EJA, dois descriminam a atuação no ensino fundamental, um no ensino fundamental e médio e os outros dois apenas dizem se tratar da EJA e não informam o nível escolar abordado, apenas apresentam a faixa etária dos participantes da pesquisa.

As atividades desenvolvidas de modo geral envolvem aulas expositivas, dinâmicas e bate-papo sobre os assuntos trabalhados e a avaliação das mesmas ocorre em questionários ou entrevistas com participantes, tornando-se fácil a realização da análise pelo pesquisador já que as pesquisas caracterizam-se por serem participativas.

Quanto ao ano de publicação dos artigos os mesmos variam bastante, 2007 (2), 2008, 2009, 2010, 2011 e 2014 (3), pode representar um indício de que a preocupação com a EA na EJA vem aumentando e seus trabalhos vem sendo publicados, porém não deixa de ser um número insignificante ao se pensar que em um ano todo apenas três artigos foram publicados com o tema.

O panorama representado aqui vai de encontro ao que foi alertado por Alkimin e Dornfeld (2013) na realidade de um município do noroeste paulista, onde investigaram a inserção da EA na EJA (ensino médio) e constataram que não existe essa inserção, bem como o conhecimento da temática ambiental pelos alunos pesquisados é insuficiente, apresentando pouco senso crítico sobre o tema e como nos estudos acima os alunos apresentam uma visão naturalista sobre meio ambiente.

Porém essa pesquisa tem uma abrangência maior no escopo da sua investigação, não só uma realidade local, mas as publicações na área que podem vir dos diferentes lugares do país e ainda assim percebe-se que é praticamente inexistente a inserção da EA na EJA (1,42%).

Além disso, na etapa de levantamento bibliográfico dessa pesquisa foi possível perceber que o destaque da inserção da EA está na educação infantil e no ensino fundamental, em detrimento do ensino médio e da EJA, deste modo, fica claro o descaso que a EJA sofre em relação a inserção da EA indo em desencontro a documentos e políticas nacionais e internacionais como a PNEA (BRASIL, 1999) que em seu artigo 9º preconiza a abordagem/inserção da EA na EJA.

Dessa maneira é necessário o incentivo da continuidade da inserção da EA nos anos iniciais da educação, bem como na EJA, promovendo um ensino de qualidade que busque a formação de cidadãos críticos frente a assuntos ambientais uma vez que essa temática pode ser abordada de forma multidisciplinar em todas as disciplinas do currículo escolar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que em termos de Brasil o escopo da pesquisa (oito revistas) foi pequeno, porém esse é um passo inicial na tentativa de alertar sobre a precariedade da EA na EJA, visto que as pessoas que fazem parte da EJA na maioria das vezes se encontram nela por falta de oportunidade quando da época regular de estudos. Além disso, como em geral, por serem mais velhos já são pais, mães, avôs e avós e acabam por se tornar multiplicadores de conhecimento, tornando-se atores importantes na disseminação do conhecimento acerca da EA.

Com a pesquisa é possível dizer que os trabalhos em EA utilizam basicamente a mesma metodologia (pesquisa participativa), fazendo-se a necessidade da aplicação de novas metodologias

e diferentes formas de avaliação, já que o questionário foi a avaliação predominante. Em relação aos temas trabalhados, meio ambiente e sustentabilidade são os temas mais abordados, vale ressaltar a necessidade de se trabalhar assuntos como água e energia, visto a crise hídrica e energética que acomete o país.

Por fim, pode-se dizer que a inserção da EA na EJA no Brasil é algo realmente insipiente, faz-se necessário além de uma pesquisa mais abrangente sobre o estado da arte para fundamentar novas pesquisas, delimitar campos de atuação, temas a serem abordados e práticas a serem desenvolvidas a conscientização e envolvimento de todos atores da escola possibilitando a efetiva inserção de, não só, atividades pontuais, bem como a inserção em todos os âmbitos e níveis de ensino na busca por uma aprendizagem significativa.

6 AGRADECIMENTOS

O autor agradece a Prof^a Ms. Lidiane Aline de Freitas pelas sugestões realizadas sobre o texto.

7 REFERÊNCIAS

1. ALKIMIN, G. D. ; DORNFELD, C. B. . Diagnóstico sobre a Educação Ambiental no Ensino Médio nas Escolas do Município de Ilha Solteira (SP, Brasil). Relatório de Iniciação Científica, Processo FAPESP: 2011/07215-7. 40p. 2013.
2. BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Ambiental. Resolução Nº 2, de 15 de Junho de 2012. Ministérios da Educação – Conselho Nacional de Educação. 2012.
3. BRASIL. PNEA – Políticas Nacionais de Educação Ambiental. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, DF, 27 abr. 1999.
4. BRASIL. ProNEA / MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Programa Nacional de Educação Ambiental. 3. ed. Brasília : Ministério do Meio Ambiente, 2005. 102 p. Diretoria de Educação Ambiental/ Ministério da Educação. Coordenação Geral de Educação Ambiental.
5. CUNHA, T. S.; ZENI, A. L. B. A representação social de meio ambiente para alunos de ciências e biologia: subsídio para atividades em educação ambiental. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, Rio Grande, v. 18, n. 1. 2007.
6. DA CONFERÊNCIA das Nações Unidas para o Meio Ambiente Humano, em Estocolmo, à Rio-92: agenda ambiental para os países e elaboração de documentos por Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. 2015. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/emdiscussao/rio20/a-rio20/conferencia-das-nacoes-unidas-para-o-meio-ambiente-humano-estocolmo-rio-92-agenda-ambiental-paises-elaboracao-documentos-comissao-mundial-sobre-meio-ambiente-e-desenvolvimento.aspx>>. Acesso em: 25 jun. 2015.
7. EDUCAZIONE Ambientale e allo Sviluppo Sostenibile. Ministero dell`Ambiente e della tutela del Territorio e del Mare. 2010? Disponível em: <http://www.minambiente.it/home_it/menu.html?mp=/menu/menu_attivita/&m=Educazione_Ambientale.html>. Acesso em: 16 jul 2013.
8. HAMZE, A. A Educação de Jovens e Adultos. 2009?. Disponível em: <<http://educador.brasilecola.com/trabalho-docente/a-educacao-jovens-adultos.htm>>.

Acesso em: 18 dez. 2013.

9. IRELAND, T. D. A vida no bosque no século XXI: educação ambiental e educação de jovens e adultos. In: Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola. Brasília: MEC, MMA, UNESCO, 2007.
10. LAYRARGUES, P. P. Muito além da natureza: educação ambiental e reprodução social. In: LOUREIRO, C.F.B.; LAYRARGUES, P.P.; CASTRO, R.C. (Orgs.) Pensamento complexo, dialética e educação ambiental. São Paulo: Cortez. p. 72-103, 2006.
11. LAYRARGUES, P. P., LIMA, G. F. C. Mapeando as macro-tendências político-pedagógicas da Educação Ambiental contemporânea no Brasil. A Pesquisa em Educação e a Pós-Graduação no Brasil, 6., 2011, Ribeirão Preto, Anais... Ribeirão Preto: USP, 2011. 15 p.
12. PASSOS, P. N. C. A conferência de Estocolmo como ponto de partida para a proteção internacional do meio ambiente. Revista Direitos Fundamentais & Democracia, Curitiba, v. 6, 2009. Disponível em: <<http://revistaeletronicardfd.unibrazil.com.br/index.php/rdfd/article/viewFile/18/17>>. Acesso em 25 jun. 2015.
13. PEREIRA, M. O. R.; ANELLO, L. F. S. Educação de jovens e adultos e qualificação profissional: uma articulação no contexto da EA. . Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, Rio Grande, v. 21, n. 2. 2008. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/remea/article/view/3078>>. Acesso em: Acesso em 25 jun. 2015.
14. REZENDE, V. A. A Dimensão Ambiental na Educação de Jovens e Adultos: Possibilidades e Desafios. In Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade", 5., São Cristovão. Anais... São Cristovão: [s. n.], 2011, 15 p.
15. ROCHA, D.; OLIVEIRA, C. T. Educação ambiental no programa ProJovem Urbano de Gravataí/RS: premissas para uma compreensão da educação de jovens e adultos no contexto escolar. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, Rio Grande, v. especial, n. 1. 2014. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/remea/article/view/3597>>. Acesso em: Acesso em 25 jun. 2015.
16. SATO, P. Timothy Ireland: "A EJA tem agora objetivos maiores que a alfabetização". 2012. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/modalidades/eja-tem-agora-objetivos-maiores-alfabetizacao-476424.shtml>>. Acesso em: 18 dez. 2013.
17. SEDU – Secretaria da Educação do Espírito Santo. Caderno de Diretrizes da Educação de Jovens e Adultos. Estado do Espírito Santo. Vitória. 60 p. 2007.
18. SILVA, N. K. T.; SILVA, S. M. Educação ambiental e cidadania. Curitiba: IESDE. 176 p. 2009.
19. STAPP, W. B. et al. The concept of Environmental Education. The Journal of Environmental Education. [s. l.]. v. 1, n. 1, p. 30-31, 1969. Disponível em: <http://www.hiddenecorner.us/html/PDFs/The_Concept_of_EE.pdf>. Acesso em: 16 jul 2013.
20. TEIXEIRA, C. R. O "Estado da Arte": a concepção de avaliação educacional veiculada na produção acadêmica do Programa de Pós-graduação em Educação: Currículo (1975-2000). Cadernos de Pós-graduação – educação. São Paulo, v. 5, n. 1. p. 59-66, 2006.
21. TOZONI-REIS, M. F. C. Formação dos Educadores Ambientais e Paradigmas em Transição. Ciência & Educação, Bauru, v. 8, n. 1, p. 83 – 96, 2002.